



A dupla face¹

Antônio Pacca Fatorelli

Professor da ECO/UFRJ

Uma fotografia obtida pela câmera Advanced Camera for Surveys – um complexo de 3 câmeras eletrônicas e vários filtros que detectam a luz provenientes das regiões espectrais que vão do ultravioleta ao infravermelho próximo –, instalada a bordo do Hubble Space Telescope (HST)¹ apresenta cintilações do universo há cerca de 160 milhões de anos atrás, quando da sua formação, em um momento da evocação anterior à presença de uma consciência e de percepções singulares quando, na proposição de bergson (Bergson, 1990:cap 1), todas as faces dos objetos se rebatiam reciprocamente e de modo acentrado. Esta fotografia de um momento imemorial é um instantâneo tomado no curso do tempo presente, um corte atual, inscrito no eixo do tempo cronológico, irremediavelmente factível e que, como tal, reúne todos os atributos de um registro documental. Entretanto a imagem obtida não está aqui entre nós, nem muito menos pode ser considerada como o resultado da ação consciente de um sujeito operador de recursos técnicos e de dispositivos óticos. Estaríamos, neste caso, diante de um paradoxo ou, simplesmente, nosso entendimento habitual sobre a natureza da imagem fotográfica não passa de um malentendido?

¹ Fotos e dados obtidos na Revista do Observatório Nacional, disponível no endereço www.on.br/revista/noticias/hubble.html



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002



copyright: NASA/ESA/ACS Science Team

Galaxia UGC 10214 observada nos dias 1 e 8 de abril de 2002

A inquietação de Deleuze a cerca da temporalidade da imagem cinematográfica, enunciada no seu questionamento sobre a evidência segundo a qual a imagem está necessariamente no presente (Deleuze, 1990:51), parece trazer implícitas as variáveis que estão colocadas pela fotografia telescópica: a formulação da questão já supõe a suspeita da negativa e inclina o pensamento à considerar a precipitação de outros regimes temporais. Percurso que implica na reconsideração da dimensão remissiva da imagem – estando apenas no presente, seria nada mais que a lembrança do que já escoou – e simultânea revisão dos critérios de verdade associados à inscrição indicial – o resultante da projeção dos raios luminosos emitidos pelo agregado sensível –, a imagem se instituisse como a prova, o vestígio e a marca da matéria atual, imediata e visível.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Efetivamente a foto do Hubbel não é a imagem de algo que esta se passando neste momento e, em acréscimo, o que ela apresenta está interdito à visão direta, de tal modo que poderíamos considerá-la como a imagem de um tempo por vir de um imaterial.

A proposição de que a imagem fotocinematográfica está irremediavelmente associada ao aqui e agora da tomada podemos acrescentar a de que ela está também indissoluvelmente referida a outros tempos e lugares.



copyright: NASA / ESA / ACS Science Team

Estrelas na Nebulosa Cone observada no dia 2 de abril de 2002

Em um dos seus diagramas cônicos, Bergson (Bergson, 1990:cap 2) introduz a idéia, que servirá de inspiração a esta comunicação, de que a percepção – a qual acrescentamos os próprios objetos e suas representações – têm uma dupla face, uma voltada ao atual, outra virada para o virtual.

O legado das escolas e tendências fotográficas modernistas – tanto do modernismo canônico com suas práticas puristas quanto das vanguardas históricas –, mesmo a fotografia novecentista, não apenas a pictorialista, de inspiração francamente abstrata, mas a própria



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

fotografia de rua, as paisagens e os retratos e, de modo mais evidente, a produção fotográfica contemporânea, matizada nas tendências da fotografia encenada, da fotografia construída, das intervenções em locais pré-existentes, das instalações e, de modo abrangente, na própria fotografia direta, realizada de modo convencional mas que abriga, no seu interior, esta irreduzível ambiguidade temporal e espacial – como as fotos de Rosângela Rennó; Miguel Rio Branco; Alain Fleischer, Dieter Appelt e tantos outros, voltam-se, cada uma ao seu modo, à inscrição desta face virtual dos objetos, pessoas ou fenômenos. Os ângulos insólitos; as aberrações de movimento; a abstração metafórica e, de modo geral, as diferentes estratégias modernistas de criação de suplemento são alguns dos recursos através dos quais a imagem fotográfica incorporou historicamente este elemento virtual.

Consideramos, em um primeiro momento, os objetos e sua representação supondo, como previsto pela crítica corrente, um estado de coisas objetivo e a constituição de uma imagem que se realiza por meio, diz-se, da projeção dos raios luminosos emitidos pelos próprios objetos. Percurso que promove a fixação de um estatuto ontológico da imagem, que a torna decorrente e portanto posterior, a um tempo e a um evento prévios. Momento, por excelência, da inscrição indicial.

Esta determinação prévia, dita projetiva, impõe um percurso de leitura que vai de uma imagem atual à sua gênese despertando, no curso dessa trajetória, a colaboração da memória e, muito frequentemente, um sentimento de melancolia diante do tempo decorrido.

Proponho que para dar conta do significado e da abrangência da dimensão virtual da imagem que identificamos acima na produção clássica, moderna e atual associemos, a esta



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

modulação projetiva que une objeto e representação, sejam acrescentadas outras tantas e igualmente determinantes projeções: a projeção de um conjunto de disposições do fotógrafo que busca enunciar, por meio de configurações visuais, certas tensões ou conceitos; a projeção de uma intencionalidade do observador, que preenche as lacunas da imagem com o seu desejo e, a projeção de um virtual que atualiza-se no presente singularizando possíveis. Estas outras disposições projetivas acentam-se à projeção perspectiva, linear e unívoca, como outros determinantes do processo fotográfico, como moduladores que multiplicam os vetores temporais e espaciais da imagem, abrindo-a ao desempenho de funções de outro modo imprevistas.

A projeção que associa objeto e imagem cumpre uma função identitária fundamental de fazer coincidir dois existenciais, de torná-los extensivos um ao outro e, no limite, reversíveis. Este é por excelência o lugar do reconhecimento e da afirmação de uma verdade. Por outro lado, se focarmos no percurso que enlaça fotógrafo e imagem, podemos supor que o fotógrafo tomou certos objetos ou cenas com o propósito de despertar percepções e encadeamentos mentais irreduzíveis a estes mesmos objetos e cenas, forçando-os a apresentar o que habitualmente lhes escapa. Instaura-se, neste caso, uma relação inaugural de conhecimento que visa um para além ou aquém da matéria, momento fabular no interior do qual a imagem faz-se diferença, portadora de significados imprevistos e de futuros. De modo complementar, a atualização de uma virtualidade expõe as tensões da seleção deixando entrever o conjunto de possíveis e o aspecto sempre lacunar da representação. Por sua vez, a cartografia que enlaça



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

observador e imagem amplifica a instabilidade da imagem, fazendo-a flutuar na dependência de novas projeções imaginárias.

Diante desta diversidade de vetores projetivos torna-se possível conceber a imagem como deflagradora de uma experiência inaugural, mais projetiva do que projeção e, de modo substancial, como oportunidade de apresentação do não-lugar e do imaterial, do intemporal e do eterno.

Como signos visuais que solicitam a interpretação as imagens fotográficas só podem ser classificadas como indiciais na condição de incluirmos na categoria de índice o conjunto dos seus predicados interditos a percepção. Por outro lado, o que escapa à projeção perspectiva não pode ser creditado à dimensão simbólica, sempre associada a uma cadeia causal, nem muito menos à dimensão subjetiva, ancoragem do sujeito privado. A imagem prospectiva, a que desperta o invisível e faz divisar um além, passado ou futuro, é um transcendental imanente, simultaneamente testemunho e devir.

A imagem fotográfica que o telescópio Hubble nos faz ver é um documento que atesta a natureza implicada e virtual do tempo, de um tempo crônico, simultaneamente passado, presente e futuro. A força desta imagem está em apresentar o passado imemorial, não este passado curto que a representação convencional supõe duplicar, passado já percebido, mais está outra dimensão constituinte, irremediavelmente presente mas inapreensível ao olhar.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002



copyright: NASA/ESA/ECS Science Team
Galáxias em colisão NGC 4616, observadas em 7 de abril de 2002

O aspecto intrigante destas fotografias telescópicas advém da sobreposição de novas coordenadas projetivas à configuração perspectiva ou, dito de outro modo, à inserção da variável temporal no diagrama renascentista, que acrescenta outras direções vetoriais diversas daquela que associa objeto e imagem na câmera escura. O que está em conta nesta disposição não é o registro de uma experiência recente realizada por um sujeito que estava lá, ocupando um ponto de vista circunstancial, no instante em que a cena ganhou contornos evidentes. A dilatação do arco temporal promovida pelas câmeras eletrônicas do Hubble amalgamou no agora do registro um momento da constituição do Universo para o qual convergem passado e futuro ou ainda, quando a distinção entre passado, presente e futuro torna-se variável da distancia relativa do objeto, essencialmente temporal, fixada em anos-luz. Trata-se, neste caso, de um espaço-tempo pensado em quatro dimensões, como formulado pela Teoria da Relatividade desenvolvida por Einstein.



O propósito desta comunicação é o de dimensionar a proposição a cerca da dupla face das imagens, o modo como certas imagens fotográficas associam no seu interior uma dimensão testemunhal e uma dimensão projetiva, virtual e fabular. Supomos que, de modo geral, estas qualidades internas derivam, a primeira, de uma potência indicial correntemente associada as fotografias – temos em conta neste específico as contribuições teóricas de Barthes, Dubois e Bazin centradas no princípio de uma ontologia da imagem – e, a seguinte, da inserção de outros vetores projetivos, referidos as participações do fotógrafo, do observador e do elemento virtual, à representação. Vejamos de que modo esta dupla articulação se apresenta nos trabalhos de Man Ray e Alain Fleischer.

A fotografia *Anatomies*, de Man Ray, foi tomada diretamente sem o auxílio de trucagens e de qualquer manipulação processual anterior ou posterior ao clique. Neste aspecto podemos considerá-la indicial, resultado da preseça do modelo diante câmara e, icônica, uma vez que a figura retratada pode ser reconhecida através de relações de semelhança. Estão satisfeitas, nestes termos, as funções tradicionais de reconhecimento e de presentificação normalmente associadas ao estatuto documental da fotografia. Entretanto, esta foto coloca em curso uma cadeia associativa que remete mais a forma do órgão genital do que ao retrato do modelo. O trabalho da associação icônica remete mais a uma idéia abstrata do que propriamente ao modelo, tornado impessoal e sem densidade. O retrato aqui visa menos a identidade do fotografado do que categorias do inconsciente. Não há reenvio à uma imagem original, a um rosto e sua singularidade figurativa, mas a identificação abstrata com figuras do pensamento, circunsntância que provoca uma relação de semelhança ideal, criada no interior do



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

cérebro do observador, a partir de associações estritamente mentais. Neste caso, tanto a relação de semelhança icônica quanto a de vestígio indicial realizam-se em referência a uma proposição conceitual, operação que atribui ao referente físico a mera função de elemento indutor. Um percurso que pressupõe a força da fotografia como registro sumário mas imediatamente a desloca com o propósito de fazê-la funcionar como elemento proposicional.





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Man Ray. *Anatomies*, 1930

A variação do ponto de vista e do eixo de tomada foram os recursos de visualização utilizados pelo fotógrafo com o intuito de obter este resultado. Operação de deslocamento que redireciona o sentido da projeção, que deste modo deixa de reenviar a um modelo para tornar-se o lugar de novas inferências sobre o consciente e o inconsciente.

Esta fotografia de Alain Fleischer, da série *exhibition*, resulta da projeção de um slide sobre uma cortina de alumínio entreaberta sobre uma janela que, dado o enquadramento podemos apenas intuir tratar-se de um ambiente interior, um quarto residencial ou uma sala de escritório. Ao fundo, mais achatada no mesmo plano da cortina, posicionada na parte inferior da imagem,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002



Alain Fleischer. Exhibition, 1983

descortinamos uma vista noturna de uma grande cidade. O recurso de reenquadramento, de janela dentro do quadro, ele mesmo uma outra janela, é evidente ao primeiro olhar. Entretanto,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

mobilizado dessa maneira, o reenquadramento parece duplicar a operação de representação e estender, para além do simples reconhecimento, o significado da representação.

A imagem fotográfica final resulta, neste caso, da projeção de um real preexistente, mas esse real é ele mesmo uma foto moldada a uma superfície e, portanto, uma projeção em segundo grau que pulveriza o sentido dos feixes de luz em várias direções. Esta metafotografia curva-se sobre seu modo de constituição desdobrando os vetores espaciais e temporais da representação, de modo a apagar as fronteiras entre passado e futuro; documento e ficção; realidade e fantasia.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Referências bibliográficas

Bergson, Henry. *Matéria e memória*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990.

Crary, Jonathan. *Techniques of the Observer*. Cambridge: MIT Press, 1990.

_____. "Umbinding Vision." *October*, nº 68, Cambridge, Massachusetts: MIT Press 1994.

_____. "Modernizing Vision", in Hal Foster (org.), *Vision and Visuality*. Seattle: Bay Press, 1988.

Deleuze, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora. 34, 1992.

_____. *Foucault*. Lisboa: Vegas, s.d.

_____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *A imagem-movimento*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990.

_____. *A imagem-tempo*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990.

Fatorelli, Antonio Pacca. *Fotografia e viagem: entre a natureza e o artifício*. Tese de doutorado defendida na ECO/UFRJ, 2000.

_____. "Fotografia e subjetividade", in Solange Jobim e Souza (org.), *Mosaico*. Rio de Janeiro, Marca D'Água Livraria e Editora, 2000.

_____. "Fotografia e modernidade", in Etienne Samain (org.), *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. "A fotografia e o virtual", *Cinemas*, nº 13, Rio de Janeiro, 1999.

_____. "José Oiticica Filho e o avatar da fotografia brasileira", *Lugar Comum*, nº 11, Rio de Janeiro, 2000.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Krauss, Rosalind E. *Explosante-Fixe*. Paris: Hazan, 1985.

_____. "A escultura no campo ampliado". *Revista Gávea*, Rio de Janeiro: nº 1, 1985.

_____. *The Originality fo the Avant-Garde and other Moderninst Myths*. Cambridge: MIT Press, 1996.

Lévy, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

_____. *A máquina universo*. Viseu: Instituto Piaget, sd.

_____. *O que é o virtual*, Rio de Janeiro: Editora 34 Letras, 1996.

Lisovsky, Maurício. "As retinas artificiais", in Marcio Tavares do Amaral (org.), *Contemporaneidade e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

Luz, Rogério. "Novas imagens: efeitos e modelos", in André Parente (org.), *Imagem-máquina*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

Virilio, Paul. *A máquina de visão* . Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.